ESTE mastro de sinais começa a ser visto com frequência nas margens da Ria de Aveiro. O facto significa apenas — e significa muito — que a Ria de Aveiro foi definitivamente eleita pelos desportistas palco magnífico para a prática das modalidades aquáticas. Depois da vela, a motonáutica veio comprovar que a vasta laguna dá boa estrada às pugnas de velocidade — haja vento ou motor, e, em qualquer caso,... garra nos competidores. A jornada de domingo — *I Campeonato de Portugal de Motonáutica* — demonstrou-o exuberantemente. *(Relato em* Desportos*)*

CAMINHOS DA MORTE e DA VIDA

"UM estrondo súbito, prenunciador de tragédia; e, logo depois, o som metálico de ferros amassados.|...| Do balanço funesto resultaram dois mortos e um ferido grave.|...| Tudo se passou na fracção de segundo em que o Acaso resolveu conjugar factores para urdir lutos. Sòmente que, muitas vezes, esses factores são fornecidos ao Acaso pela criminosa negligência dos homens. E, na circunstância, foi assim, precisamente assim.

Os assistentes, passados de terror, e a cidade inteira quando teve conhecimento da pavorosa ocorrência, evocaram idêntica fatalidade que, anos antes, no mesmo local, à mesma hora, pelo mesmo comboio, vitimara o pároco da freguesia de Esgueira.

Disse-se, então, que ninguém, antes, atentara no perigo daquele cruzamento duma passagem de nível, sem cancelas e sem guarda, com uma estrada de tráfego permanente e intenso; e que só o desastre servira de trágica advertência; e de que fora preciso o sacrifício de uma vida para patentear aquele sorvedoiro de vidas. Mas todos se convenceram de que o sangue da vítima rutilaria a despertar o lógico e humano empenho pela solução rápida, imediata, de tão premente e ingente problema...

... Mas o problema esqueceu — e a solução não foi dada. Adormeceu-se na cega confiança do Acaso...

... e quis o acaso que, de novo, um estrondo se ouvisse em prenúncio de tragédia...

... e mais duas vidas tombaram — no mesmo local, à mesma hora, nas mesmas circunstâncias!

Quantas vidas mais serão necessárias para acordar do letargo — criminoso letargo — os principais responsáveis pelos factores que se oferecem ao Acaso?

Espanta-nos como possam dormir tranquilos, no despreocupado conforto de gordíssimos proventos, os grandes culpados pela existência destes caminhos da morte."

Quem porventura leu estas candentes palavras, dadas aqui à estampa em 21 de Novembro do ano transacto — a propósito da tragédia que ocorrera, oito dias antes, na passagem-de-nível do Viso, a cerca de dois quilómetros de Aveiro — certamente pensou em sua boa-fé, e ingénua crença na consciência dos grandes senhores a quem foram confiadas as soluções dos problemas do tráfego, que jamais teriam que deplorar-se idênticos horrores. Afinal, e desgraçadamente, continuam, por esse País fora, a intranquilidade e a insegurança e as dores e os lutos que são a marca fatal das passagens-de-nível sem guardas.

Assim foi que os meios publicitários trouxeram ao angustiado conhecimento público, por meados da semana decor-

Continua na página 5

Para a Pátria d'Além-Mar

GARBOSOS — íamos a dizer: orgulhosos — nas suas tão características fardas, de campanha ou de passeio, os soldados do Regimento de Infantaria 10 que foram agora destacados para servir em Angola, numa Companhia de Caçadores, mostraram, pelas ruas da cidade, nos poucos dias que precederam o seu embarque, todo o exuberante optimismo da sua juventude sadia. Perfeitamente consciencializados da honrosa missão a cumprir na Pátria d'Além-Mar, os bravos rapazes do 10 de Infantaria, no sereno aprumo e jubilosa confiança que tão naturalmente revelaram, tornaram-se credores da admiração, do respeito e da simpatia de todos os aveirenses.

Nos pergaminhos da gloriosa Unidade, que Aveiro tanto se orgulha de aquartelar, pode registar-se a lição de disciplina e garbo que os seus soldados-expedicionários deixaram na cidade. Ela constitui um exemplo para quantos ainda fazem contas aos interesses particulares sempre que os superiores interesses da Nação reclamam os seus préstimos...

Pois bem, rapazes: que a felicidade vos acompanhe e a Providência vos conceda o prémio a que dá jus a vossa demonstrada abnegação.

E sinceramente esperamos que, no Portugal distante onde a vossa presença irá dar maiores garantias de paz e prosperidade, se robusteça aquele patriotismo que vos sagrou já heróis — pois é mais difícil vencer, com um sorriso nos lábios, o egoísmo, e dominar a humana saudade do torrão que vos viu nascer, dos vossos pais, da vossa noiva, do que triunfar com armas e raivas de exércitos inimigos — que oxalá nunca surjam a dar ensejo à demonstração da vossa coragem.

OS atletas brasileiros, que tão boa conta deram dos seus merecimentos nos recentes encontros com os portugueses, alardeando uma séria e persistente preparação física e alcançando, na maioria das provas, merecidíssimos triunfos, foram de Aveiro encantados com o Rio Novo do Príncipe. O *Jornal dos Sports*, que, com larga tiragem e crédito, se publica no País-Irmão, classifica a pista do Vouga como «uma das melhores raias do Mundo», acrescentando que «o êxito da competição se deve, principalmente, à excelente raia do Rio Novo, recta de 2400 metros que, em suas margens, recebe sempre numeroso público».

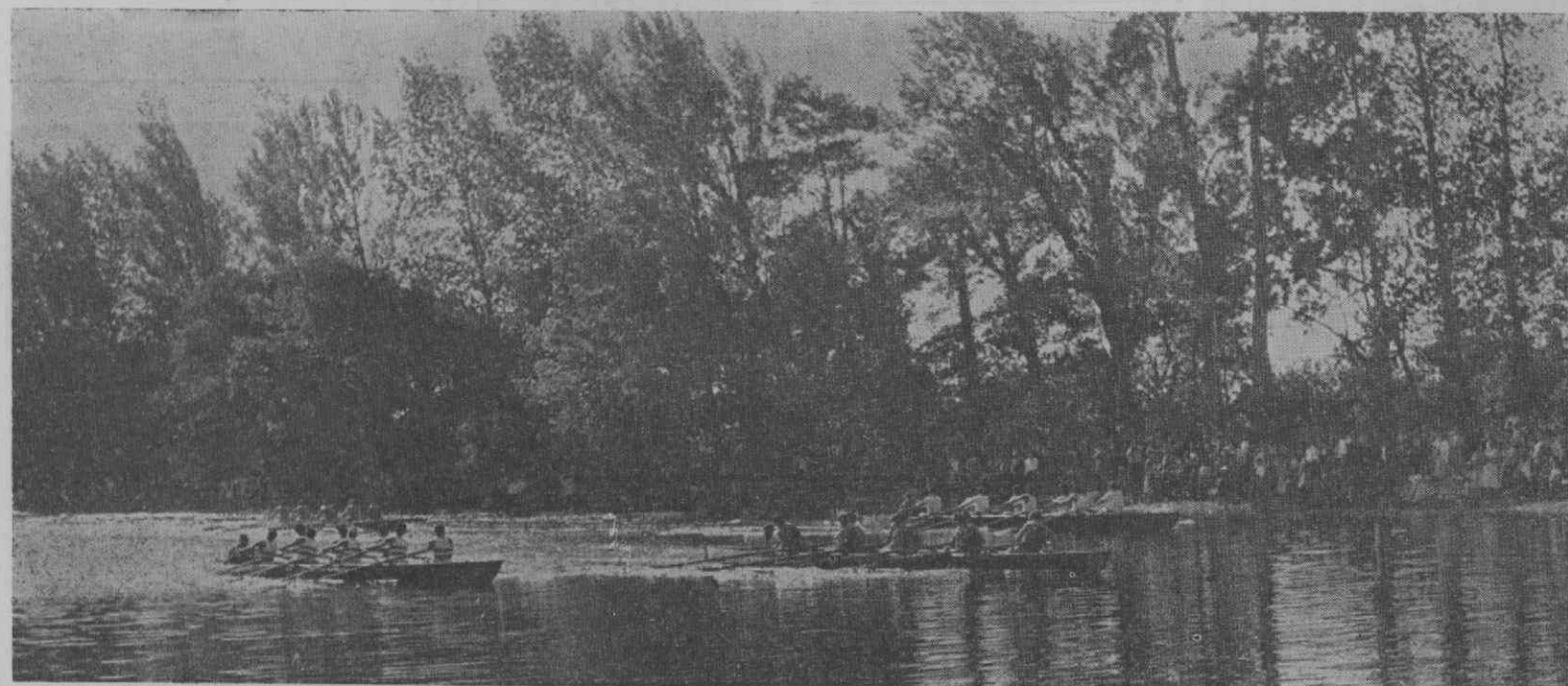
Glórias e Martírios do JORNALISMO

Há cerca de um ano, atingiram o seu ponto culminante, em frequência e perversidade, as condenáveis proezas praticadas por um largo sector de jovens delinquentes.

O público teve delas conhecimento através da Imprensa, que (salvo raras excepções de acomodatícias, conformistas e timoratas folhas), não só denunciou, mas enèrgicamente verberou, os criminosos feitos que trouxeram em justificado alarme o País inteiro.

Também o Jornal de Notícias*, com a verticalidade que o impõe ao respeito geral, deu nas suas colunas, sistemàticamente, o relato e a acerva crítica de tão repulsivas façanhas.*

Eis que, há dias, — quando já, mercê das diligências policiais e judiciárias, se julgava sustada a onda de depravação juvenil, a destoar, em tudo, dos nossos hábitos pacíficos e cordatos — um insólito acontecimento fez recordar os deploráveis tempos em que os desmandos duma mocidade dessorada geraram, a um tempo, a intranquilidade e a revolta: o sr. M. Pacheco de Miranda, ilustre Director do Jornal de Notícias*, foi bárbara e covardemente agredido, na Assembleia da Granja, em consequência, sem dúvida, da indómita atitude assumida pelo*

Continua na página 5

Pinhão, Santos & C.ª, L.da

Certifico para efeitos de publicação, que por escritura de 18 de Agosto de 1960, lavrada a fls. 44, v do Livro n.º 84-B, do 1.º Cartório da Secretaria Notarial de Aveiro, a cargo do Notário L.do Américo Gomes de Andrade e Oliveira, foi constituída uma sociedade por quotas de responsabilidade limitada entre Manuel Nunes Pinhão, Manuel Augusto dos Santos e a sociedade «Pinheiro, Martins & Soares, L.da», nos termos constantes dos artigos seguintes:

PRIMEIRO — Esta sociedade adopta a firma, «PINHÃO, SANTOS & C.ª, L.DA», terá a sua sede e domicílio em Aveiro, na Avenida do Dr. Lourenço Peixinho, n.º 243.

SEGUNDO — O seu objecto é o exercício do comércio de compra e venda, por grosso, de fazendas de algodão e o de qualquer outro ramo que resolva explorar e para o qual não seja necessária autorização especial.

TERCEIRO — A sua duração é por tempo indeterminado e o seu começo há-de contar-se desde hoje.

QUARTO — O capital social, integralmente realizado em dinheiro entrado em caixa, é de 300 000$00, formado por três quotas de 100 000$00. Uma, pertencente a «Pinheiro, Martins & Soares, L.da», outra pertencente ao sócio Manuel Nunes Pinhão e outra ao sócio Manuel Augusto dos Santos.

QUINTO — Todos os sócios são gerentes, sem remuneração e sem caução. — Para obrigar a sociedade basta a assinatura de um gerente. — A sociedade «Pinheiro, Martins & Soares, L.da» indicará qual dos seus sócios exercerá, em nome dela, a gerência de «Pinhão, Santos & C.ª L.da», e, a todo o tempo, poderá substituir por outro o sócio encarregado da gerência desta última sociedade.

SEXTO — A cessão de quotas, em parte ou na totalidade, a estranhos, fica dependente do consentimento, por escrito, dos outros sócios, os quais terão sempre o direito de preferência na cessão.

SÉTIMO — Os sócios poderão fazer à sociedade os suprimentos de que a mesma carecer, nas condições que forem estabelecidas em Assembleia Geral.

OITAVO — É expressamente proibido aos gerentes usar a firma em actos ou documentos estranhos aos negócios da sociedade. O que infringir o estipulado responderá para com a sociedade pelos prejuízos que lhe causar e perderá a favor dos seus consócios os lucros que lhe competiam respeitantes ao ano a que cometerem a infracção.

NONO — Nos primeiros 60 dias de cada ano será dado balanço referido a 31 de Dezembro anterior. — Os lucros líquidos apurados, deduzidos 5.% para a constituição ou reintegração do fundo de reserva legal, serão divididos pelos sócios na proporção das suas quotas. — Excepto se houver deliberação em contrário, tais lucros serão distribuídos imediatamente após à aprovação do balanço.

Salvos os casos para que a Lei exija requisitos especiais, as Assembleias Gerais são convocadas por meio de cartas registadas expedidas com a antecedência mínima de 8 dias.

DÉCIMO PRIMEIRO — No caso de morte ou interdição de qualquer dos sócios, os herdeiros ou representantes daquele exercerão em comum os direitos sociais, enquanto a quota se encontrar indivisa. — Mas deverão nomear uma pessoa que a todos represente nas relações com a sociedade.

DÉCIMO SEGUNDO — Esta sociedade sòmente se dissolverá nos casos marcados no artigo quarenta e dois, da Lei de 11 de Abril de 1901.

DÉCIMO TERCEIRO — Em todo o omisso regularão as disposições de Direito aplicáveis e as deliberações tomadas em Assembleia Geral.

Aveiro, e Secretaria Notarial, 25 de Agosto de 1960

O Ajudante da Secretaria,

Celestino de Almeida Ferreira Pires

SECRETARIA NOTARIAL DE AVEIRO

PRIMEIRO CARTÓRIO

Certifica-se, para efeitos de publicação, que por escritura de hoje, a fls. 8 e seguintes, do livro número oitenta e cinco-B, deste cartório, Armando Rodrigues Branco, comerciante, e mulher, Maria José Rebelo Branco, doméstica, moradores na freguesia de Cacia, concelho de Aveiro, declararam que eram eles, com exclusão de outrem, actuais donos e legítimos possuidores de uma terra lavradia, denominada «Corguinho», sita no chão do Corguinho, limites daquela freguesia de Cacia, terra que, agora, confronta do Norte com Estrada Nacional, do Sul com caminho público, do Nascente com Manuel Gonçalves da Cruz e do Poente com Joaquim da Silva Matos.

Esta terra está descrita na Conservatória do Registo Predial de Aveiro, no livro-B-quarenta, a folhas noventa e nove, sob o número catorze mil cento e onze e está inscrita na respectiva matriz, em nome do primeiro outorgante, sob o artigo cinco mil quatrocentos e quarenta e cinco, com o rendimento colectável de cento e vinte escudos, o valor matricial de três mil e seiscentos escudos, a que atribuem o de trinta mil escudos.

Que o prédio referido está inscrito na mencionada Conservatória a favor de Manuel Francisco de Azevedo, solteiro, de maior idade, lavrador, morador na freguesia de Cacia ou São Julião de Cacia, pela inscrição número quatro mil novecentos e dezoito, do livro-G-oitavo.

Que este Manuel Francisco de Azevedo casou com Joana Nunes e faleceu em vinte e nove de Junho de mil oitocentos e noventa, tendo-se instaurado inventário orfanológico, pois aquele deixou filhos menores.

Nesse inventário, o prédio denominado «Corguinho», identificado com as confrontações de então, foi adjudicado à viúva, dita Joana Nunes.

Em mil novecentos e dois, faleceu na freguesia de Cacia, a falada Joana Nunes.

E seus filhos, todos de maior idade, fizeram entre si partilha da herança, mas eles, primeiros outorgantes, desconhecem a existência do respectivo título, não tendo possibilidade de obtê-lo.

Que, por tais partilhas, aquele prédio do «Corguinho» ficou pertencendo à filha dos ditos Manuel Francisco de Azevedo e Joana Nunes, de nome Maria Nunes Pereirinha.

Por sua vez, esta Maria Nunes Pereirinha faleceu em vinte e cinco de Março de mil novecentos e trinta e oito, e em dezoito de Novembro de mil novecentos e quarenta e quatro faleceu seu marido, João Valente.

Os filhos, por escritura de vinte e cinco de Setembro de mil novecentos e quarenta e cinco, a folhas trinta e seis e seguintes do livro próprio, número duzentos e vinte e quatro, do Segundo Cartório desta Secretaria, partilharam a herança de seus pais, Maria Nunes Pereirinha e marido.

De harmonia com tal escritura, o prédio do «Corguinho» foi adjudicado ao interessado João Valente Júnior, então solteiro, maior, comerciante, residente na cidade de Porto Alegre — Brasil.

Finalmente, por escritura de vinte e sete de Julho de mil novecentos e sessenta, a folhas nove-verso e seguintes, do livro trezentos e sessenta e sete-A, deste Cartório, o mesmo João Valente Júnior e mulher, Eva da Silva Valente, ainda residentes em Porto Alegre, venderam o mencionado prédio a eles, primeiros outorgantes.

Estas declarações foram confirmadas por Francisco Augusto de Oliveira, casado, proprietário; Mário Teixeira Ramalho, casado, agricultor; e António Augusto Lopes Novo, casado, padeiro, todos moradores na freguesia de Cacia.

Vai conforme o original.

Aveiro, Secretaria Notarial, vinte e quatro de Agosto de mil novecentos e sessenta

O NOTÁRIO,

Américo Gomes de Andrade e Oliveira

DESPORTOS

Secção dirigida por

António Leopoldo

Comentários às recentes provas do Rio Novo do Príncipe

O distinto jornalista e aveirense JOÃO SARABANDO, que brilhantemente esteve já na direcção da página desportiva do Litoral, *escreveu para o excelente e justamente conceituado tri-semanário lisboeta* A BOLA *uns ajustados comentários às regatas de remo dos Jogos Luso-Brasileiros e dos Campeonatos Nacionais, que encimou com o título PROGRESSO — DISSERAM AS PROVAS DO RIO NOVO DO PRÍNCIPE.*

Com a devida vénia, transcrevemos hoje aquela notável apreciação crítica, inserta no número de 11 do corrente de A BOLA.

QUEM se senta a escrever, cortou relações com o Mundo por amor da verdade. A frase, lapidar, não é nossa. Fluiu da pena de oiro do grande contista João de Araújo Correia, ainda há pouco homenageado pela Sociedade dos Escritores Portugueses.

Pois nós, por amor da justiça e na tentativa de servirmos o maravilhoso desporto do remo — tão beliscado por clubismos e bairrismos mais ou menos exagerados — juramos dizer a verdade acerca das regatas luso-brasileiras e dos Campeonatos Nacionais. A afirmação poderá afigurar-se supérflua, mas nós é que quisemos, neste passo, vincar propósitos que são, de resto, apanágio de quantos trabalham em «A Bola».

Como lógico corolário duma larga superioridade traduzida em número de clubes, abundância de tripulações e métodos científicos de treino ou preparação, o querido, e fraterno Brasil ganhou duas das três regatas programadas nos Jogos. Mas, porque a modalidade acusa também alguns progressos entre nós, e porque os remadores portugueses conseguiram, galvanizados, agigantar-se, a luta foi magnífica e tangencial o desfecho.

Ao invés do que se afirma, no nosso País, salpicado de lagoas, albufeiras e rias, cortado por tantos cursos de água, existem poucos, pouquíssimos clubes náuticos. Apenas treze estiveram representados nestes «Nacionais», sendo certo, por exemplo, que na época transacta compareceram no Rio Novo quinze agremiações. E, então já alguns dos existentes haviam faltado... Agora, primaram pela ausência o «velho» e categorizado Clube Naval de Lisboa e os nóveis Centro Universitário do Porto e União Vilafranquense. Para colmatar a brecha, larga numa rareada fileira, sòmente uma nova unidade surgiu — o jovem Clube Desportivo da Figueira, que daqui se saúda.

Mas, se os núcleos remeiros diminuíram, como explicar os progressos que, na realidade, estão à vista, testemunhados soberanamente pelo cronómetro? O caso, paradoxal embora, é simples, claro como água. Efectivamente, e em oposição ao labor insignificante, ou mesmo desinteresse de vários clubes há onde se trabalha presentemente mais e melhor do que nunca. O caso do Desportivo da C. U. F. é elucidativo por excelên-

Continua na página 6

CAMPEONATOS REGIONAIS

COM a indicação dos resultados obtidos na segunda jornada dos Campeonatos Regionais da Associação de Natação de Aveiro, realizada em 14 de Agosto corrente, em Águeda, finalizamos as referências às provas oficiais levadas a efeito por aquela entidade na decorrente e paupérrima temporada.

Não se registaram tempos famosos e, em muitos das provas, nem chegou sequer a haver dois concorrentes... No entanto, é de elementar justiça uma palavra de agradecimeno, de louvor e de incitamento às colectividades que, com a sua presença, permitiram a realização dos torneios distritais: Sport Algés e Águeda, Recreio Desportivo de Águeda e Clube dos Galitos.

Após o segundo dia de prova, que proporcionou êxitos ao Algés e Águeda (11), Recreio (4) e Galitos (5), os títulos ficaram distribuídos pela seguinte forma: Algés e Águeda, 21; Recreio, 9; e Calitos, 6.

INFANTIS

4 × 50 metros livres — 1.º Galitos (Lino Oliveira, João Manuel Vinagre,

Continua na página 6

ANDEBOL DE SETE

CAMPEONATO DISTRITAL

Está marcado para amanhã, em Ovar, às 11 horas da manhã, o jogo Atlético Vareiro — Beira-Mar, da última jornada da competição regional. Trata-se de uma partida decisiva para a atribuição do título, tendo caprichado o calendário em opôr no jogo derradeiro — aliás, note-se bem, o jogo de amanhã pode não ser o último da prova... — os únicos contendores com possibilidades de vencer o Campeonato.

Se não perder — ganhando ou empatando, portanto — o Beira-Mar será o campeão; no caso da vitória vir a pertencer ao Atlético Vareiro, os ovarenses igualam-se em pontos aos beiramarenses, havendo então necessidade de se recorrer a uma *finalíssima,* em campo neutro, para se apurar o vencedor do torneio distrital de 1959-1960.

Nos últimos desafios, apuraram-se os resultados que abaixo indicamos.

Beira-Mar, 16
Escola Livre, 8

No sábado, ante reduzida assistência, o Clube da Escola Livre de Azeméis estreou-se em Aveiro, na jornada inaugural da segunda volta do torneio. Por tal motivo, o Beira-Mar ofereceu um típico barco moliceiro aos visitantes.

Sob arbitragem de Armindo Teto, auxiliado por Albano Baptista e José Barros, as equipas apresentaram:

BEIRA-MAR — Loureiro (Pedrosa); Luís Maria e Lourenço (2); Manuel Pereira; Gamelas (5), Cerqueira (6) e Agostinho (3). *Supls.* — Martins e João.

ESCOLA LIVRE — Carlos; António Costeira e Licínio; Moutinho; Fernandes (1), Nelson (6) e Correia (1). *Supls.* — Pinto e Ramalhosa.

Uma arbitragem desastrada, por se ter desautorizado o juiz de campo ao permitir que o «capitão» beiramarense reclamasse, a par e passo, das suas decisões — algumas delas, diga-se, manifestadamente erradas —, contribuiu para que a partida caísse num desagrado quase total.

Na realidade, o andebol apresentado pelos contendores foi muito modesto, mormente *nas metades iniciais* (escrevemos assim, porque, por deficiente cronometragem do tempo pelo árbitro, as equipas foram para os balneários cinco minutos antes da hora exacta, havendo, depois, necessidade de um período extra para se cumprir o tempo regulamentar): incipientes, mas voluntariosos, os oliveirenses foram-se aguentando muito bem, e, sòmente com as desvantagens de 0-1 e 1-2,

Continua na página 6

MOTONÁUTICA

Na Costa Nova, as regatas do CAMPEONATO DE PORTUGAL tiveram, no domingo, grande interesse espectacular e enorme emoção

Luís Filipe França Marques Mendes, jovem desportista aveirense, que se encontra excelentemente classificado no Campeonato Nacional de Motonáutica

valor !

MUITOS milhares de pessoas assistiram, no pretérito domingo, numa tarde de sol esplendoroso, às diversas provas da quinta jornada do primeiro Campeonato de Portugal de Motonáutica, levadas a efeito na vasta laguna da Ria de Aveiro, frente à praia da Costa Nova.

A organização das importantes competições, que trouxeram às nossas àguas cerca de três dezenas de desportistas de diversas regiões do País, esteve a cargo do Sporting de Aveiro, do Clube Naval de Cascais e do Clube Naval Setubalense, contando ainda com o patrocínio da Câmara de Ilhavo.

Assistimos a momentos de enorme emoção e ansiedade — revestidos até de grande frisson, quando se voltaram duas das velozes embarcações, felizmente sem que os seus condutores nada sofressem —; assistimos a largadas de regatas de grande beleza espectacular; e assistimos também, nesta primeira apresentação em águas aveirenses desta modalidade, em nítido progresso na região, a algumas lutas de excelente nível técnico.

Todavia, cremos bem que a Motonáutica não conquistou, na Costa Nova, grande número de novos adeptos entre a imensa multidão de desportistas que expressamente se deslocaram àquela formosa estância balnear ilhavense. E vamos dizer porquê:

— Primeiro, porque as provas, com início marcado para as 16 horas, só vieram a começar três quartos de hora mais tarde, concluindo, por esse motivo, já depois de ter debandado numeroso público. E o Português é assim: preza sobremaneira a pontualidade, embora, muitas vezes, não se importe de não ser ele próprio pontual...

— Depois, porque os assistentes não foram devidamente elucidados sobre o desenrolar dos provas (a instalação sonora foi deficientíssima, sobretudo por ter sido mal localizada e por ser imcompleta e demasiado teórica), e porque as próprias regatas — com concorrentes de diversas classes e categorias a correr simultâneamente — se prestaram a um imenso mar de de confusões: sem barcos numerados, não se conheciam os concorrentes, nem se chegava a entender a série de variadíssimas classificações (categorias e classes) que o júri anunciava pelos microfones, antes do início das regatas. De futuro, será conveniente que se utilize uma adequada numeração e destrinça dos concorrentes, empregando, por exemplo, discos de cores diversas como fundo dos números dos barcos.

— Depois ainda, e a finalizar, porque para além do seu público próprio — e por «público próprio» entendemos nós os concorrentes, os elementos afectos aos clubes em competição e os elementos oficiais (júri e organizadores), com as respectivas famílias, que constitui uma verdadeira elite, pois a Motonáutica, pela sua natureza, não é acessível a todas as bolsas — esta espectacular modalidade não interessa directamente, não apaixona o grande público desportivo.

Vejamos os resultados das provas:

Campeonato Nacional

Categoria de Turismo

Classe A — *motores de 10 a 20 h. p. — 1.º - António Soguer, do Naval de Cascais; 2.º - Rui Torres Vilas, do Sporting de Aveiro.*

Classe B — *motores de 21 a 25 h. p. — 1.º - Luís Filipe França Marques Mendes, do Sporting de Aveiro; 2.º - João Mont, do Naval de Cascais; 3.º - Mário Gonzaga Ribeiro, do Naval de Cascais; 4.º - Eng.º Francisco Soares Pinheiro, do Sporting de Aveiro.*

Classe C — *motores de 26 a 35 h. p. — 1.º - Dr. Roberto Roquete, do Naval de Cascais; 2.º - Dr. Sisenando Ribeiro da Cunha, do Sporting de Aveiro.*

Classe D — *motores de 36 a 44 h. p. — 1.º - Manuel Alves Barbosa, do Sporting de Aveiro; 2.º - Manuel Beja, do Naval de Cascais; 3.º - Arqt.º Anselmo Gomes Teixeiro, do Sporting de Aveiro; 4.º - Mário Gonzaga Ribeiro, do Naval de Cascais; 5.º - Abel Santiago, do Naval de Aveiro; 6.º - Carlos Alberto Resende, do Naval de Cascais; 7.º - Eng.º João Carlos Aleluia, do Sporting de Aveiro.*

Classe E — *motores de mais de 45 h. p. — 1.º - Carlos Alberto Machado, do Sporting de Aveiro; 2.º - Carlos Ferreira Gomes Teixeira, do Naval de Aveiro.*

Categoria de Sport

Classe C — *motores de 26 a 35 h. p. — 1.º - Carlos Vicente Marques Mendes, do Sporting de Aveiro; 2.º - D. Diogo Passanha, do Naval de Cascais.*

Classe D — *motores de 36 a 44 h.*

Continua na página 6

espectacular !

Frente à Costa Nova, na Ria de Aveiro, os rápidos barcos a motor — verdadeiros bólides marinhos — largam, espectacularmente, numa das provas de domingo

SERVIÇO DE FARMÁCIAS

Sábado — OUDINOT. Domingo — MOURA. Segunda-feira — CENTRAL. Terça-feira — MODERNA. Quarta-feira — ALA. Quinta-feira — MORAIS CALADO. Sexta-feira — AVEIRENSE.

Porta moedas

Foi encontrado, no lugar da Presa, desta cidade, um porta-moedas contendo objectos em ouro.
Entregam-se a quem provar pertencer-lhe. Procurar em casa da Sr.ª Rosinha, (Armadeira de Anjos) — PRESA.

Pela Câmara Municipal

Novo edifício da Caixa Geral dos Depósitos

Em missão de estudo da localização do novo edifício da Caixa Geral dos Depósitos em Aveiro estiveram nesta cidade os srs. eng.os Espregeira Mendes e Figueiredo Martins e arquitectos Veloso Reis e Pires Martins, que estudaram, com o sr. Presidente da Câmara e com o sr. Engenheiro-Chefe da Repartição de Obras, o Plano de Urbanização e as condições de implantação daquele imóvel. Assistiu também aos trabalhos o sr. Rui Couceiro da Costa, gerente da Filial do Porto.

O novo edifício ficará situado entre as actuais ruas de Gustavo Ferreira Pinto Basto, dos Tavares e do Clube dos Galitos e os largos Bento de Magalhães e S. Brás, mas de harmonia com o Plano de Urbanização, que, neste ponto, deverá ser ligeiramente modificado, tendo em vista a circulação e as funções dos três novos edifícios do Liceu Feminino, do Palácio Municipal das Finanças, do Turismo e da Cultura e da sede da filial da Caixa Geral, bem como a incidência da Rua de Gustavo Ferreira Pinto Basto sobre a frente do Canal Central.

A Câmara vai proceder à expropriação dos prédios necessários à nova construção.

Estrada Aveiro-Murtosa

Subscrito pelos srs. Eng.º Adolfo Maria da Cunha Amaral, Director de Urbanização do Distrito de Aveiro, Eng.º António Nóbrega Canelas, Chefe da Repartição de Obras da Câmara Municipal, e Leonel Monteiro Esteves, Adjunto da Direcção de Urbanização do Distrito de Aveiro, foi entregue na Presidência da Câmara o relatório e parecer sobre a revisão do projecto elaborado para o primeiro traço da planeada estrada Aveiro-Murtosa, prevista no II Plano de Fomento.

Em vista das dificuldades que apresenta o traçado marginal, a Comissão revisora preconiza o estudo de uma nova solução entre Esgueira e Vilarinho.

Todas as soluções a considerar servem a Pista de Remo do Rio Novo do Príncipe e tendem a ligar Aveiro com a Ponte da Varela, ao Norte da Torreira, para cuja construção já fechou o concurso.

Bairro do Senhor das Barrocas

Prosseguem os trabalhos de canalização da ribeira formada pelas águas nascediças que passava a descoberto junto à Capela do Senhor das Barrocas, bem como os trabalhos do saneamento e urbanização geral do novo bairro de habitações económicas.

Todos os deslocados por efeito de expropriações de prédios demolidos pela Câmara Municipal estão convidados a inscrever-se na lista de preferências para o inquilinato das novas casas populares, cuja construção se está a ultimar.

Escolas Primárias

Pela secção do Centro da Delegação da Direcção-Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais para as obras de construção de Escolas Primárias foi comunicado à Câmara que foi autorizada a inclusão no programa de trabalhos em curso a ampliação de 2 para 3 salas do edifício escolar de Cacia; de 1 para 3 salas do edifício escolar da Póvoa do Valado; e de 1 para 2 salas do edifício escolar da Póvoa do Paço.

Iluminação do Largo do Conselheiro Queirós

Pelos Serviços Municipalizados está-se a proceder à reforma da iluminação do Largo e Jardim do Conselheiro Queirós, no Bairro dos Santos Mártires.

Edifício para a Sopa dos Pobres e Cozinha Económica

No Campo da Feira, da Rua do Cabouco, prossegue a construção do edifício destinado à cosinha, distribuição de sopa e refeitórios da Sopa dos Pobres e Cosinha Económica de iniciativa municipal.

Estádio de Mário Duarte

Do lado Sul das bancadas metálicas do Estádio Mário Duarte está em construção um grupo de sanitários para homens.

No domínio do novo orçamento municipal, e do lado do Norte, serão construídas instalações sanitárias para senhoras.

Mocidade Portuguesa

Visitam Aveiro, na próxima terça-feira, dia 30, os 140 componentes das Delegações Juvenis Ultramarinas e Brasileiras, que tomaram parte no *Acampamento Internacional Infante D. Henrique*, e que andam agora, em «Cruzeiro», a visitar o País.

Os visitantes são recebidos na Praça do Milenário, pelas 18.30 horas, após o que deporão uma coroa de flores no túmulo de Santa Joana.

A' noite, das 21.30 às 23.30 horas, a Comissão Municipal de Turismo, oferece-lhes, no Jardim Público, um espectáculo folclórico, com a colaboração do rancho «Salineiras de Aveiro» e do «Rancho da Casa do Povo de Esgueira».

No dia imediato, os jovens ultramarinos e brasileiros visitam a Companhia Portuguesa de Celulose e o Amoníaco Português, após o que seguem para o Norte do País.

IV Recenseamento de Trânsito

Nos dois primeiros sábados do próximo mês de Setembro, dias 3 e 10, realizam-se mais duas contagens do recenseamento de trânsito nas estradas nacionais de todo o País, pelo que nos foi solicitado, pelo sr. Director de Estradas do Distrito de Aveiro, que dessemos conhecimento do facto aos usuários da estrada, solicitando-lhes a maior atenção para os possíveis sinais de afrouxamento que lhes sejam feitos pelo pessoal cantoneiro incumbido desse serviço — que, como fàcilmente se compreende, é de grande importância para o estudo dos problemas que dizem respeito à construção, reconstrução e beneficiação da nossa rede rodoviária.

Pela Direcção Escolar

Curso de Música para professores

No átrio da Direcção Escolar de Aveiro encontra-se afixado um aviso, convidando os professores, que o desejem, a fazerem a sua inscrição gratuita no Curso de Música, aberta de 20 a 30 do corrente, no *Conservatório de Música de Aveiro*, que funciona no Liceu desta cidade.

O referido curso decorrerá de 5 a 17 de Setembro, tendo a Direcção Escolar o maior empenho em que os professores o frequentem.

Crise da Indústria Salineira

Centenas de proprietários e marnotos do Salgado de Aveiro avistaram-se, na segunda-feira, com o sr. Governador Civil do Distrito para expôr-lhe a situação angustiosa que atravessa a indústria salineira e pedir-lhe o seu interesse junto do Governo para a revisão imediata dos preços do sal, fixados há sete anos e hoje manifestamente desactualizados.

O amplo salão nobre do Governo Civil foi insuficiente para conter os manifestantes, muitos dos quais tiveram de ficar nos corredores de acesso.

Durante a reunião vários, produtores, entre eles os srs. Eng.º Carlos Gomes Teixeira e Dr. Vitor Manuel Machado Gomes, mostraram que o preço estabelecido para a venda do sal pelo produtor é, desde há muito, inferior ao custo da produção, sendo os gravíssimos prejuízos sofridos pelos proprietários e marnotos notàvelmente acrescentados pela exiguidade das safras, designadamente a do presente ano.

Não se justifica que o produtor seja obrigado a vender a 2 contos por vagão o sal que o consumidor paga a 10 contos por vagão; não se justifica que tendo aumentado grandemente os encargos da produção, não se ajuste a esses encargos o preço fixado em 1953; nem se justifica que tendo aumentado o preço de inúmeros produtos essenciais à vida, só os proprietários e marnotos sejam obrigados a vender o seu sal por preços de ruína.

Baseados em dados seguros, os oradores demonstraram a absoluta razão que lhes assiste e pediram ao sr. Governador Civil de Aveiro que se dignasse transmitir ao Governo a situação deplorável em que se encontra a indústria salineira e da qual resultam enormes prejuízos para toda a economia regional e justificados descontentamentos.

Pediram, designadamente, que fosse actualizado com urgência o preço do sal da presente safra, estabelecendo-se um preço justo para o seu pagamento ao produtor.

O sr. Governador Civil declarou que tinha estudado já o problema e que reconhecia a razão que assiste aos produtores do Salgado de Aveiro. Supõe que o problema da revisão e do reajustamento do preço do sal tem de resolver-se em atenção a todos os salgados do País. Seja como for, prometia o seu interesse junto do Governo no sentido de que o problema fosse resolvido com a urgência que reclama e com a justiça que se pretende.

…da Morte e da Vida

…ontinuação da primeira página

…notícia de / …s da ponte / …s sete qui- / …bra, uma / …fora apa- / …o; e, em / …bem inten- / …a máquina / …o comboio / …s dez me- / …fluente do / …o, antes de / …uatro car- / …uiam a / …o. / …do aciden- / …as passa- / …guardas. / …desastre: / …de qua- / … / …inistrados / …sível, dada / …antesca do / …feliz des- / …do, poderá / …be? ! — a / …dos prin- / …as a ver- / … esta: o / …as inocen- / …evidência / …nte para / …o de coac- / … e huma- / …idamente / …lheios que / …u mundo / …ses. / …dos cami- / …não afas- / …ente dos / … do seme- / …

…dicional / …oficial de / …de Aveiro / …passagens / …Vouga e / …de largo / …pecto eco- / …ança do

…m-se em / …se con- / … de tra- / … / …omissor / …o foram / …ondições / …ilização / …variante. / …veículos / …es con- / …, várias / …s cance- / …têm que / …ias do / … / …impres- / …em La- / …magní-

…do …lismo

…gina —

…nortenho / …ge. / …protesto / …protestos / …de todos / …nossa mo- / …o sr. M. / …vítima, / …missão / … — ar- / …ejando / …belecí- / …o satis- / …r cor- / …ços não / …de punir

fica artéria que culmina na Avenida dos Descobrimentos, num total de piso de cerca de 4 quilómetros, foi construída apenas em 18 meses, aliás pelo mesmo empreiteiro que tomou de seu encargo a primeira fase de trabalhos da nossa variante, folgadamente concluída em prazo, com máquinaria e processos técnicos que, na altura, causaram a admiração dos aveirenses.

Os jornais, a quando da recente inauguração da referida rodovia do Algarve, não se cansaram de exaltar as excelências do importante melhoramento e a rapidez da sua execução. Por ele estão de parabéns, sem dúvida, o Governo e o empreiteiro.

Mas se o facto significa que é possível acelerar trabalhos de tamanha envergadura, permita-se-nos recordar a importância e urgência da conclusão da variante de Aveiro. O esforço e a rapidez ali inicialmente dispendidos contrastam com a lentidão em que posteriormente se arrastou a obra.

E a verdade é que aqueles caminhos, concebidos para a vida célere dos nossos dias, servirão também para suprimir os caminhos da morte que cruzam as vias férreas nessas constantes iminências de tragédia que dão pelo negregado nome de passagens-de-nível.

Maus embaixadores teatrais

«Constou-me que, há dias, se deslocou, da freguesia da Oliveirinha a Lanheses, povoação situada entre Viana do Castelo e Ponte do Lima, um grupo de amadores de teatro que, também segundo me consta, se apresentaram sem conveniente preparação, de maneira a envergonhar os pergaminhos da região aveirense.

Quem escreve estas linhas, a despeito de viver há muitos anos no Minho, nunca se esquece de que nasceu em Aveiro e, por consequência, é naturalíssimo o seu desgosto pelo desplante de tão maus embaixadores teatrais, principalmente quando, como sucedeu, eles se jactam de ser da cidade de Aveiro.

E' para lamentar que não houvesse alguém na freguesia da Oliveirinha, não digo já com algum senso artístico, mas ao menos com um pouco de senso comum, que dissuadisse os componentes do dito grupo a não se deslocarem a terras distantes, uma vez que não estavam suficientemente ensaiados. Em tais circunstâncias, parece-me que não se deviam aventurar a mais «*tournées*» *artísticas*; mas, se teimarem em efectuá-las, ao menos que não digam que são de Aveiro, mas dos arredores, o que é muito diferente./…/»

Assinante n.º 2-581

Deploráveis espectáculos na Praia da Barra

«Normalmente, os veraneantes da praia da Barra, que residem na estrada da Costa Nova, têm as suas barracas montadas na praia Sul e o acesso mais rápido à praia é feito atravessando as dunas situadas entre a estrada e o mar.

Acontece, porém, que, nos fins de semana e, muito especialmente, aos domingos, tal itinerário é absolutamente impraticável, sobretudo a senhoras e crianças, não só devido à presença de homens e rapazes que, sem qualquer recato, se despem e vestem num à-vontade extraordinário, indiferentes a quem passa, como também ainda a inúmeros pares que, desaforadamente e renunciando à mais elementar sombra de respeito por si próprios e pelos seus semelhantes, se entregam à prática de intimidades bastante reprováveis.

A presença do Cabo-do-Mar, como única autoridade responsável pela ordem e policiamento de costumes, é meramente simbólica, pois é-lhe absolutamente impossível cumprir a sua missão devido à extensão da praia.

Chama-se, pois, a atenção das autoridades competentes para que seja posto cobro a tais desmandos, verdadeiramente atentórios da dignidade humana.

Assinante n.º 1-24

FAZEM ANOS:

Hoje — As sr.as D. Célia Maria Barreto de Moura, D. Julieta de Sequeira Belmonte Pessoa, D. Alice de Oliveira Marques Ramos e D. Maria da Luz de Almeida Lemos; os sr.s Dr. Euclides de Araújo, Eng.º José de Sousa Machado Ferreira Neves, António Osório de Almeida, João Rebelo Pereira Bain, Carlos Alberto Luís Pereira e Urgel Fernando Soares Pereira, aveirense residente em Malange (Angola).

Amanhã — O sr. Raul dos Santos Valentim; as meninas Maria Celina Lopes, filha do aveirense sr. José Gonçalves Lopes, residente em Gabela (Angola), Maria Etelvina Dias Melo, filha do sr. Manuel dos Santos Melo, e Maria Selene Fernandes Valentim, filha do sr. Raul dos Santos Valentim; e o menino Luís de Pinho da Maia Romão, filho do sr. José Vieira da Maia Romão.

Em 29 — Os srs. Manuel da Silva Félix e Alfredo Francisco dos Santos; e a menina Olga Cristina Reis Pinto, filha do sr. Eng.º Raul Wahnon Correia Pinto, ausente em Sá da Bandeira (Angola).

Em 30 — As sr.as D. Laura Setas Raposeiro e D. Maria de Lourdes Teixeira da Costa, filha da sr.a D. Sara Biscaia; a menina Cândida Fernanda Graça e Melo, filha do sr. Telmo da Graça e Melo; e o menino José Eduardo, filho sr. sr. Zeferino Augusto Soares.

Em 31 — A sr.a D. Conceição Coelho Vera Cruz, esposa do sr. José Maria Vera-Cruz; o sr. José Conde de Carvalho; e o estudante António Adérito Brás Coelho e Silva, filho da sr.a D. Rosária Caldeira Brás Leite Pais.

Em 1 de Setembro — As sr.as prof.a D. Norbinda de Melo Picado e D. Maria Filomena Sobreiro Vidal, esposa do sr. Dr. Carlos Vidal.

Em 2 — As sr.as D. Rosária Caldeira Brás Leite Pais, esposa do sr. Manuel Ferreira Leite Pais; e D. Ernestina de Lima Gouveia.

NASCIMENTO

No dia 20 do corrente e na Casa de Saúde de Vera-Cruz, nasceu uma menina ao lar do sr.a Lucília Damas Teles de Meneses Amador e do sr. José Machado Amador.

As nossas felicitações

Ciclismo

CIRCUITO DE OLIVEIRINHA

Aproxima-se o dia 4 de Setembro, em que se efectuará o *I Circuito Ciclista de Oliveirinha*, prova para «amadores» que é patrocinada pela F. N. A. T. e pelo LITORAL.

A competição, como temos referido, está a despertar enorme interesse, sendo já numerosos os prémios que têm sido oferecidos aos seus organizadores pelo Comércio e Indústria da região aveirense e ainda por diversas entidades oficiais e particulares.

Hoje, podemos anotar os seguintes e valiosos troféus:

★ Taças «Dr. Bento Parreira do Amaral» (a disputar em 2 anos seguidos ou 3 alternados) e sua miniatura; «Casa do Povo de Oliveirinha»; «Comissão Municipal de Turismo»; «Grémio da Lavoura de Aveiro e Ílhavo»; «Casa do Povo de Aradas»; «Famel»; «Dankal»; «Sociedade Comercial do Vouga, L.da»; «Dr. A. Tavares Lebre»; «Ourivesaria Matias & Irmão»; «Ourivesaria Carvalho»; «Américo Dias Capela»; «Alfredo Luís Correia»; «Canada Dry»; «Construtora Neto»; «Albino Rodrigues de Silva & C.a»; «M. Ramalho»; «Arlindo da C. Santos»; e «Júlio Miranda».

★ Prémios das Fábricas Aleluia, Casa Veneza, Lopes de Penafiel, Café Galito, Café Vedeta do Arco, Abraão Borges, e Centro de Representações, todos de Aveiro; Henrique Vieira & Filhos, Café Grilo, Farmácia Ribeiro e União Quintavaldense, todos da Costa do Valado; Empresa Ciclista Miralago, L.da e F. Sucena & Filhos, de Águeda; Aires Filipe & Vieira, e Café Mimo, de S. Bernardo; António da S. Justiça, da Quinta do Picado; e João Simões Vieira, da Oliveirinha.

Na Redacção

Na manhã da pretérita terça-feira, tiveram a gentileza de visitar a Redacção do *Litoral*, para apresentarem cumprimentos de despedida, os distintos oficiais do Regimento de Infantaria 10 srs. Capitão Luís Artur Carvalho Teixeira de Morais, Alferes Abel dos Santos Condesso, Aspirante António da Cunha Leal, Aspirante Carlos Leal Branco e Aspirante José Carlos de Almeida Gorgulho dos Santos — que, no rápido da 1 h. 28 m. de quarta-feira, seguiram para Lisboa, onde, a bordo do «Timor», embarcaram para Angola, por terem sido destacados para uma Companhia de Caçadores que vai prestar serviço naquela Província do nosso Ultramar.

Gratos pela deferência, daqui reafirmamos aos briosos militares aveirenses os nossos votos de uma boa viagem e de uma feliz estadia nas portuguesas terras angolanas.

● Na referida terça-feira, os oficiais aveirenses foram distinguidos com um almoço de despedida, a que assistiram toda a Oficialidade do R. I. 10, o Comandante Militar de Aveiro, o Comandante do Distrito de Recrutamento e Mobilização e um representante de Cavalaria 5.

Na altura própria, usaram da palavra os srs. Coronel José Rodrigues Ricardo, Comandante Militar; Mons. Aníbal Ramos, Tenente-capelão da Unidade; e Capitão Pinto do Amaral, do R. C. 5.

Rotary Clube

Na reunião da próxima segunda-feira do Rotary Clube de Aveiro, a realizar no Restaurante Galo d'Ouro, foi convidada a proferir uma palestra a sr.a D. Maria Judite Pinto Mendes Abreu, filha do saudoso Past-Governador do Distrito Rotário 176 (Portugal) sr. Maurício Pinto, da Figueira da Foz.

Aquela distinta senhora falará sobre Paul Harris, que foi o grande iniciador do movimento rotário.

Assembleia da Barra

Com a colaboração do apreciado *Conjunto de Walter Behrend*, realiza-se esta noite, com início às 22.30 horas, um baile na Assembleia da Barra.

A reunião é promovida por um grupo de jovens que presentemente veraneiam naquela praia.

Novo Chefe da P. S. P.

Assumiu recentemente as funções de Chefe da Esquadra Policial de Aveiro o sr. António Neves de Carvalho, que, no Comando da P. S. P. da nossa cidade, exercia, com muito aprumo e competência, o cargo de Sub-chefe-ajudante.

Aparatoso acidente de viação

Ao começo da noite de segunda-feira, o motorista Filipe Leitão, casado, de 31 anos, natural do Cercal (S. Tiago de Cacém), e residente nesta cidade, encontrou estacionado na Rua do Eng.º Von Haffe um automóvel pertencente ao conhecido desportista e comerciante Manuel Alves Barbosa. Resolvendo fazer qualquer viagem, apoderou-se do referido veículo, mas não foi feliz na sua abusiva aventura.

Na realidade, na Avenida de Araújo e Silva, o Filipe Leitão, depois de derrubar um poste de sinalização, foi embater violentamente numa árvore, junto da entrada do quartel de Infantaria 10, destruindo totalmente a parte dianteira do carro.

O condutor, porém, sofreu sòmente ligeiros ferimentos. Assim, e depois de tratado no Hospital da Santa Casa, foi preso pela P. S. P, que tomou conta da ocorrência.

CINEMAS

PROGRAMA DA SEMANA

Cine-Teatro Avenida

TELEFONE 23343

Sábado, 27 — **Uma Nação em Marcha.** Sessão para maiores de 12 anos, às 21.30 horas.

Domingo, 28 — **A Casa dos Sete Gaviões.** Sessões para maiores de 12 anos, às 15.30 e às 21.30 horas.

Quinta-feira, 1 de Setembro — **O Homem que Enganou a Morte.** Sessão para maiores de 17 anos, às 21.30 horas.

Teatro Aveirense

TELEFONE 23848

Domingo, 28 — **O Inspector Maigret.** Sessões para maiores de 17 anos, às 15.30 e às 21.30 horas.

Terça-feira, 30 — **O Génio do Mal.** Sessão para maiores de 17 anos, às 21.30 horas.

Faleceram:

D. Sara Nogueira de Carvalho

Após prolongado sofrimento, por doença que não deixa esperanças, faleceu, no dia 14 do corrente, a sr.a D. Sara Vaquinhas Nogueira de Carvalho.

A bondosa senhora deixa viúvo o sr. João Henriques de Carvalho Júnior.

D. Emília Rocha

No dia 19, e após prolongada doença, faleceu na sua residência, à Rua de Eça de Queirós, a sr.a D. Emília Vaz Pinto Correia da Rocha Veiga, viúva do saudoso Capitão Artur da Silva Veiga.

A bondosa senhora, que contava 65 anos de idade, pertencia a uma das mais distintas famílias aveirenses. Profunda e sinceramente religiosa, viveu sempre e exemplarmente em conformidade com os seus princípios, muito lhe devendo a Igreja pelo seu activo apostolado. Durante trinta anos, com um zelo e tenacidade admiráveis, foi catequista na paroquial da Glória — e muitos são os que ficaram a dever à saudosa extinta a formação moral e religiosa que dedicadamente lhes ministrou.

Era irmã da sr.a D. Ernestina Vaz Pinto Correia da Rocha e do sr. Duarte Vaz Pinto Correia da Rocha, casado com a sr.a D. Ermelinda Maria de Lourdes Portugal de Barros Pereira Campos Rocha; tias das sr.as D. Maria Teresa Rocha Pereira Campos, viúva do saudoso Ricardo Pereira Campos Júnior, D. Maria Clementina Barata da Rocha, esposa do sr. Dr. Augusto Barata da Rocha, D. Maria Helena Campos Rocha e dos srs. Duarte Nuno Campos Rocha e Pompeu de Oliveira Rocha, casado com a sr.a D. Simone da Rocha.

A's famílias enlutadas os pêsames do Litoral

Agradecimentos

Alberto João Rosa

A família de Alberto João Rosa, na impossibilidade de agradecer a todas as pessoas que testemunharam a sua estima por ocasião do falecimento do seu saudoso extinto, ou o acompanharam à sua última morada, vem, por este meio, confessar-se profundamente reconhecida.

D. Maria da Conceição Picado

Jaime Migueis Picado agradece a todas as pessoas que o acompanharam na sua dor, especialmente àquelas a quem, por falta de moradas, não pôde fazer directamente.

Coronel Alberto Quaresma

Sara Monteiro Antunes Quaresma, não lhe sendo possível, por falta de endereços ou deficiência destes, agradecer, pessoalmente (ou por escrito, como era seu desejo, a todas as pessoas que tiveram a bondade de se interessar pelo estado de seu saudoso marido, Coronel Alberto José Caetano Nunes Freire Quaresma, quando do seu internamento no Hospital desta cidade e o acompanharam à última morada, vem, por este meio, manifestar a todos a sua indelével gratidão.

Desportos

CONTINUAÇÕES DA PÁGINA TRÊS

Mapa-resumo das classificações obtidas pelos clubes

CLUBES	1.os	2.os	3.os	4.os
Sporting Clube Caminhense	3	—	—	—
Náutico de Viana	2	3	—	—
Clube Fluvial Portuense	—	—	—	1
Sport Clube do Porto	—	1	—	—
Clube dos Galitos	2	—	3	—
Associação Naval 1.º de Maio	—	—	1	1
Ginásio Clube Figueirense	1	2	1	2
Clube D. da Figueira da Foz	—	—	1	—
Associação Naval de Lisboa	—	—	—	1
Grupo Desportivo da C. P.	—	—	—	1
Liga dos Antigos Graduados	2	—	1	—
Grupo Desportivo da C. U. F.	2	5	—	1
Grupo D. dos Ferroviários do Barreiro	—	—	1	—

COMENTANDO AS PROVAS DE REMO

cia, mas os do Caminhense, da L. A. G. e do Náutico de Viana merecem igualmente citação. Por seu turno, o prestigioso Clube dos Galitos, em maré de renovação de tripulações, não descansa, e o Ginásio, da Praia da Claridade, continua a demonstrar regular canseira.

Para que o desporto do remo dê, entre nós, passadas mais rápidas, alcance maior «allure», impõe-se a revitalização de centros de importância fundamental como são os de Lisboa e Porto e a vinda para a modalidade de toda a faixa algarvia.

A «velhinha» Associação Naval apresentou só uma equipa e o Fluvial Portuense, quase seu irmão pela idade, fez outro tanto. Também o Sport Clube do Porto, do saudoso Fernando Barbedo, se limitou a enviar um «shell» de «2 com».

Se a qualidade é, por via de regra, uma consequência da quantidade, temos de convir que o nível do nosso remo ultrapassa as mais optimistas expectativas. Mas, não nos iludamos: salvo numa ou noutra classe de barcos os «calcanhares de Aquiles» constituem legião... E, mesmo em «skiff» e «shell» de 4 e 8, as possibilidades portuguesas não podem ir ao ponto de conquistar grandes vitórias e muito menos títulos. Valemos, de facto, alguma coisa no mundo internacional da modalidade sem, contudo, podermos aspirar a voos deslumbrantes.

Em Caminha, em Aveiro e no Barreiro existe força, tenacidade, espírito combativo e de sacrifício. Simplesmente, para se brilhar, hoje, no desporto competitivo, é mister cuidar — cientìficamente — da preparação. Ora, a verdade nua e crua não deixa de ser esta: os remadores, quanto a exercício físico, limitam-se a remar.

Até subsistirem nos clubes os actuais e por vezes angustiantes problemas económicos, o panorama pouco pode modificar-se. O atleta continuará a impor-se, de certo modo, ao dirigente e ao técnico, com quebra evidente da disciplina e, por tabela, da preparação requerida.

Nisto, e não nos sistemas da remada, como alguns afirmam, está a causa principal das nossas derrotas, aliás honrosíssimas, frente ao «4» e ao «8» do Brasil. Se a preparação fosse idêntica, talvez se registassem mais surpresas, que não só em «skiff». Perder por um comprimento as duas regatas abona extraordinàriamente caminhenses e cufistas. Aqueles, que talvez não devessem pôr de parte o seu pesadíssimo «shell» de 4, trocando-o, à última hora, por um barco bem mais leve mas ao qual não estavam adaptados, deram prova de real valor. De passagem, refira-se que os «leões» de Caminha treinaram num «shell» novo e leve, competiram os «Nacionais» na sua «desconjuntada» embarcação e alinharam, como dissemos, nos Luso-Brasileiros em barco cedido por empréstimo... E tudo isto seria escusado, visto o «shell» a utilizar em Roma ter ido para o Caminho de Ferro antes de tempo, não sabemos por culpa de quem.

Acusa-se o Sporting Caminhense de planificar deficiente o sistema que adopta — afirmação que é de bradar aos céus. Os técnicos brasileiros, que sabem o seu bocadinho... — são os primeiros a reconhecer, como nós sempre temos afirmado público e raso, que a perfeição quase ronda a planificação. Faz certa diferença...

Em «skiff», Amadeu Pereira venceu e convenceu nos «Nacionais» e nos «Luso-Brasileiros». Dispusesse de outros meios de preparação e outro galo nos cantaria. Os tempos baixariam a olhos vistos, roçando os melhores números internacionais. Tem pujança, fibra e estilo próprio. Edgar, seu competidor brasileiro, correu num barco em que não treinara, mas o triunfo, apesar disso, caberia sempre, no domingo, ao português, inspirado e confiante.

Em «shell» de 4 e 8, os brasileiros adoptaram uma voga baixa e poderosa, sem se preocuparem com bonitos...

A pá dos remos fazia, não raro, espadanar a água. Mas, a rococós estéreis, os brasileiros dão preferência, com os americanos, à eficiência, aos resultados práticos. Em Portugal continua a ser «crime» um remador fazer «espinchar» a água na vinda à frente!...

No tocante à actuação dos clubes nos «Nacionais», salta à vista, no quadro junto, que houve meia dúzia de vencedores e nada menos de sete vencidos. Eram realmente treze a disputar os doze títulos em disputa. A parte de leão, como soe dizer-se, talharam-na para si os «leões» Caminhenses. Em relação ao ano findo, coleccionaram, contudo, menos um título. Galitos, cufistas, vianenses e ginasistas bisaram, do ponto de vista numérico, os êxitos de 59. A Naval 1.º de Maio, só essa, não logrou repetir a façanha da última temporada, regressando de mãos vazias. A L. A. G., aumentou de um para dois os seus triunfos. E possui valor o seu «skiffista», jovem e bem dotado.

Em Viana, continua a saber-se remar. Mas o percurso conta 2 000 e não 1 000 ou 1 500 metros. O Galitos remoçou nestas jornadas do Rio Novo, em que se lhe abriram novos cais de esperança. O Ginásio da Figueira prossegue na sua faina. Somou, e foi o único em tal aspecto, primeiras, segundas, terceiras e quartas classificações. Uma nota de simpatia vai para os aprumados e honrados vencidos destes Campeonatos, desta festa remeira portuguesa: Fluvial Portuense, Sport, Naval 1.º de Maio, Desportivo da Figueira — o estreante —, Desportivo da C. P. e Ferroviários do Barreiro.

Mas, o remo nacional progride, dissemos. Com efeito, apenas dois «tempos» de 1960 — «shell» de 8 e «yolle» de 8, seniores — são inferiores aos Campeonatos de 1953, pela primeira vez efectuados naquela pista admirável. Todavia, no pretérito domingo o «8» do Caminhense, ao «rubricar» 6 m. 22 s. 3/5 face ao portentoso Brasil, pulverizou os 6 m. 28 s. arrancados, então, por uma famosa equipa do Galitos. E como o «skiffista» aveirense «liquidou», por seu lado, o máximo estabelecido em 1957, temos que, nos quatro dias de competições nacionais e luso-brasileiras, se estabeleceram seis novos «records» de pista.

João Sarabando

Uma das equipas que o Galitos apresentou nos Nacionais
Shell de 4, Seniores

MOTONÁUTICA

p. — 1.º - Carlos Marques Mendes, do Sporting de Aveiro; 2.º - Vasco Matias, do Naval de Cascais.

Classe E — motores de mais de 45 h. p. — 1.º - António Augusto Martins Pereira, individual; 2.º - Eng.º Castro Pereira, do Naval de Cascais.

Categoria de Corrida

Classe C — 1.º - Eng.º Mário Taron de Oliveira, do Clube de Vela Atlântico; 2.º - Eurico Vilar Gomes, do Naval de Cascais.

Taça Dr. José Clemente

Vencedor absoluto: individual, Eng.º Castro Pereira («Taça Dr. José Clemente»); colectivo, Sporting de Aveiro («Taça Câmara Municipal de Ilhavo»).

Classe de Turismo

A — 1.º António Soguer, «Taça Shell»; 2.º Rui Torres Vilas, «Taça Casa do Café». B — 1.º Luís Filipe França Marques Mendes, «Taça Stand Justino»; 2.º João Mont, «Taça Carlos Alberto». C — 1.º Dr. Roberto Roquete, «Taça Café Trianon»; 2.º Dr. Sisenando Ribeiro da Cunha, «Taça Cervejaria Centenário». D — 1.º Mário Gonzaga Ribeiro, «Taça Trindade»; 2.º Manuel Alves Barbosa, «Taça Martins & Rebelo». E — 1.º Carlos Alberto Machado, «Taça Dankal»; 2.º Carlos Ferreira Gomes Teixeira, «Taça Hotel Beira-Ria».

Classe de Sport

C — 1.º Carlos Vicente Marques Mendes, «Taça Hotel Arcada»; 2.º D. Diogo Passanha, «Taça Café Avenida». D — 1.º Carlos Marques Mendes, «Taça Zig-Zag»; 2.º Vasco Matias, «Taça Luzostela». E — 1.º Eng.º Castro Pereira, «Taça Grémio da Lavoura de Aveiro e Ilhavo».

Classe de Corrida

B — 1.º Eurico Vilar Gomes, «Taça E. C. Vouga»; C — Eng.º Mário Taron de Oliveira, «Taça Alba».

Nótulas

★ No final das corridas, realizaram-se exibições de sky aquático. Actuaram o Dr. Roberto Roquete e Manuel Bijo, do Clube Naval de Cascais, e ainda João Carlos, Octávio Luís e Fernando Jorge Ribeiro da Cunha, Carlos Vicente e Luís Filipe França Marques Mendes, que foram distinguidos, respectivamente, com as taças «Ourivesaria Matias», «Biaio», «Garagem Império» e «Companhia de Seguros Império».

★ O júri das competições esteve formado pelos seguintes individualidades: Eng.º José Rocha Ribeiro da Cunha (presidente), Hugo Arôcha Quintans, João Posser Andrade Vilar, Francisco Vilar Soares, Sebastião Maria de Melo e Castro Almeida Trigoso e Fernando Corte Real.

★ No domingo, pela manhã, os motonautas visitantes e aveirenses foram em romagem ao Cemitério Central, onde o Eng.º Castro Pereira — o mais velho dos desportistas presentes — depositou uma coroa de flores sobre o ataúde do saudoso desportista e «leão» aveirense Dr. José Clemente. O Presidente da Assembleia Geral da Secção de Vela e Motonáutica do Sporting de Aveiro, sr. Carlos Alberto Machado, traçou o perfil do prestigioso dirigente ali preiteado.

★ O Sporting de Aveiro ofereceu um passeio pela Ria aos desportistas visitantes, homenageando-os no decurso de um almoço regional servido em S. Jacinto. Aos brindes, usaram da palavra os srs. Hugo Arôcha Quintans e Eng.º Francisco Soares Pinheiro, Presidente da Direcção do Sporting de Aveiro.

★ Sob presidência do representante da Câmara Municipal de Ilhavo, Dr. Emanuel Rabocho de Albuquerque, efectuou-se, no Hotel Beira-Ria, um jantar de confraternização durante o qual se procedeu à distribuição dos prémios aos concorrentes. Falaram, no momento próprio, os srs.: Dr. Vitor Manuel Machado Gomes, Presidente da Assembleia Geral do Sporting de Aveiro; Dr. Emanuel Rabocho de Albuquerque, pelo Município ilhavense; e Eng.º Castro Pereira, em nome dos concorrentes.

★ Além dos troféus já mencionados, foram ainda atribuídos os seguintes prémios: a João da Costa Belo (Filho), do Sporting de Aveiro, «Taça Luís Filipe» — prémio do azar do Campeonato Nacional; a António Augusto Martins Pereira, «Taça Mercantil Aveirense», — prémio do azar da Taça Dr. José Clemente; a Mário Gonzaga Ribeiro, «Taça Sacor» e «Taça Scott, Agência de Aveiro»; a Manuel Alves Barbosa, «Taça Scott, Lisboa»; e a Vasco Matias, «Taça Mercury».

ANDEBOL DE SETE

comandaram, a seguir, por 4-2, 5-4 e 6-5, depois de 5-5, no *falso* final do primeiro meio-tempo; os beiramarenses, por seu turno, estiveram francamente mal a defender e desastrados, a par de infelizes, no ataque.

Na metade final, e logo de começo, em curto espaço, o Beira-Mar passou a marca de 5-6 para 10-6. Os escolares sentiram o golpe e quebraram também fìsicamente, permitindo que os amarelo-negros ganhassem ascendente notável, mesmo sem atingirem nível brilhante, acentue-se. E se o *score* final não surgiu mais desnivelado, o facto deve-se à exibição do decidido, atento e valoroso *keeper* do Escola Livre e dos seus companheiros, que sempre se defenderam com calma e muita cabeça; e deve-se ainda à circunstância dos mais cotados goleadores do Beira-Mar (a equipa alinhou sem alguns titulares) terem sido perseguidos por enorme *mala-pata* em inúmeros lances...

Deverão ser salientados: no Beira-Mar, Cerqueira, sempre que se preocupou só com jogar o jogo pelo jogo, Gamelas, no período final, Loureiro, certíssimo na segunda parte, e o estreante João, que evidenciou qualidades; no Escola Livre, Carlos, a grande altura, seguido por Nelson, Moutinho e Licínio.

● Antecedendo este desafio, e sob a direcção de Vasco de Pinho, defrontaram-se as reservas (com alguns elementos juvenis) e os juniores do Beira-Mar. Estes, com 0-5 ao intervalo, acabaram por vencer justamente por 11-9. As turmas apresentaram:

JUNIORES — David Luís; Quina e Vaz Pinto; Picado (3); Naia, António Cerqueira (4) e Souto Ratola (4).

RESERVAS — Naia; Graça e Pitarma (3); Melo (3); Quim Moreira (1), Rebocho Christo II (1) e Casqueira Pires (1).

Escola Livre, 12
Atlético Vareiro, 16

Em Oliveira de Azeméis, na terça-feira, efectuou-se uma partida muito disputada e equilibrada, em que o atlético Vareiro triunfou por 16-12, com 8-8 ao intervalo.

Mapa dos pontos				
Clubes	J	V. E. D.	Bolas	P.
Beira-Mar	3	3 — —	48-27	9
A. Vareiro	3	2 — 1	50-42	7
Escola Livre	4	— — 4	35-64	4

Xadrez de Notícias

Beira-Mar e Oliveirense vão-se defrontar, no início da nova época, que se aproxima a passos largos. Jogam em Aveiro, em 4 de Setembro, e em Azeméis, no dia 11. Neste último desafio, «O Mundo Desportivo» procederá à entrega da sua Taça Disciplina, de 1959-60, à Oliveirense.

O futebolista brasileiro Dutra, que treinou em Aveiro, não chegou a acordo com o Beira-Mar, pelo que já abandonou a nossa cidade.

Na quinta-feira, na sede da Associação de Futebol de Aveiro, procedeu-se ao sorteio dos Jogos dos Campeonatos Distritais da I Divisão e de Reservas. Oportunamente, tornaremos conhecidos os respectivos resultados.

Em Lisboa, nos Campeonatos Nacionais de Natação, o aspirante António Lourival Pires Neves, do Galitos, classificou-se em 2.º lugar nos 200 metros-bruços. Outro alvi-rubro, o iniciado Manuel Soeiro Teixeira Pereira, ficou em 8.º lugar nos 100 metros-bruços, prova que terminou com a vitória do aguedense Élio Sucena, do Recreio.

NATAÇÃO

Carlos Matos e António Carlos Baptista); 2.º Recreio. *4 × 50 metros estilos* — 1.º Galitos (Lino Oliveira, João Manuel Vinagre, Carlos Matos e António Carlos Baptista); 2.º Recreio. *50 metros costas* — 1.º Lino Oliveira (G); 2.º Rui Breda de Matos (R).

INICIADOS

400 metros livres — 1.º Raul Seixas (G); 2.º Abílio Guerra (R). *100 metros mariposa* — 1.º José Maria Almeida (SAA); 2.º Manuel Pereira (G); 3.º Manuel Alves Pereira (R). *200 metros livres* — 1.º José Maria Almeida (SAA).

ASPIRANTES

4 × 100 metros estilos — 1.º Recreio (José Santos, António Alves Pereira e Alcindo Antunes). Não compareceram as equipas do Algés e Águeda e Recreio-B. *100 metros livres* — 1.º Alcindo Antunes (R); 2.º José Pedro Figueiredo (SAA); 3.º Alfredo Matos (R). *400 metros livres* — 1.º — Alcindo Antunes (R); 2.º José Pedro Figueiredo (SAA); 3.º António Ferreira (R). *200 metros bruços (final)* — 1.º António Lourival Pires Neves (G); 2.º Alfredo Franco (R); 3.º Belmiro Carvalho (R); 4.º — Fernando Santos (SAA). *800 metros livres* — 1.º Alcindo Antunes (R); 2.º José Pedro Figueiredo (SAA); 3.º António Ferreira (R).

JUNIORES

1 500 metros livres — 1.º Carlos Alberto dos Santos (SAA); 2.º Álvaro Vidal (R). *200 metros bruços* — 1.º Manuel Pereira Andrade (SAA), sem opositores. *400 metros livres* — 1.º António Pinto de Almeida (SAA); 2.º Mário Ferreira da Silva. *4 × 100 metros estilos* — 1.º Algés e Águeda (Manuel Andrade, Carlos Santos, António Almeida e Mário Santos), sem opositores. *200 metros livres* — 1.º António Pinto de Almeida (SAA), sem opositores.

SENIORES

1 500 metros livres — 1.º Simão Abrantes (SAA); 2.º Jorge Figueiredo (SAA). *200 metros bruços* — 1.º António Graça (SAA). Foram desclassificados António Moreira (R) e Faustino Anastácio (SAA). *400 metros livres* — 1.º Simão Abrantes (SAA); 2.º Jorge Figueiredo (SAA). *200 metros livres* — 1.º Jorge Figueiredo (SAA), sem opositores.

Editorial

COM um atraso lamentável, chegou-nos agora às mãos uma cartinha duma nossa amiga, residente no Ultramar. Chama-se Maria Helena Marques Paulino, julgamos ser bastante nova, é aveirense de nascimento e vive em Porto Alexandre, Angola. Diz-nos a nossa jovem amiga:

Tenho lido o vosso jornal, que tanto me agrada, e ele é o bálsamo para esta saudade, que vai aumentando de dia para dia pois estou muito longe da minha linda Aveiro.
Tenho lido em Væ Victis! *as histórias feitas por meninas espanholas. E que tristeza!... ainda nenhuma aveirense colaborou!*

Manda-nos a Maria Helena dois trabalhos: uma pequena história e uma poesia. Qualquer delas nos mostra uma autora jovem, bastante poética embora pouco experiente.

Cá esperamos notícias e novos trabalhos. Por intermédio de *Væ Victis!* a juventude aveirense sauda todos os jovens portugueses que continuam em África.

PÁGINA DOS JOVENS AVEIRENSES

Direcção de

JAIME BORGES e PEREIRA DA SILVA

Crónica de Cinema

HITCHCOCK, o MITO

POR EMÍDIO FERNANDES

Para além de tudo o que se diga, uma coisa é certa: Hitchcock conta em Portugal com uma falange grande de admiradores fiéis e entusiastas, que o consideram um cineasta de primeira água. E' indubitável. Por isso, a reacção ao que ainda há pouco escrevi foi bastante grande e já vários amigos se me dirigiram criticando o que eu afirmava sobre o tão incensado Hitchcock.

Ora bem: o que disse eu de Hitch, no artigo que foi publicado no «Litoral» do dia 6 de Agosto? Apenas isto: «/.../ Vejamos, por exemplo, ainda o tão decantado Hitchcock. Maravilhoso artifice, que valor tem ele além disso? Os seus filmes trazem alguma coisa de novo, de positivo, de «sumo»?»

Foi este o período que causou a citada reacção. Por isso me decidi a explicar melhor, e procurar mostrar as bases e argumentos em que se funda a minha desfavorável impressão sobre Alfred Hitchcock.

E' inegável que os filmes de Hitchcock distraem, prendem e entusiasmam o espectador. E' inegável que sustêm a respiração nas tão famosas cenas de «suspense» (embora não em todas, concordemos). Se a finalidade do Cinema fosse apenas distrair, Hitchcock seria então um bom cineasta. Mas, a meu ver, o Cinema é algo mais do que uma simples distracção. É uma Arte, a Sétima Arte, uma Arte tão válida e tão importante como a Literatura, o Teatro e a Música. Suponho que este facto não pode sequer ser discutido já. Charles Chaplin, De Sicca, Eisenstein e tantos outros, há muito o provaram. Um bom filme é uma obra de Arte — e, para uma obra de Arte, distrair é pouco. Muito pouco mesmo. E' necessário mais!

Afirmei ainda que Hitchcock é um magnífico técnico. E é verdade. Os seus filmes, tècnicamente, são quase tratados. A planificação, montagem, ângulos de filmagem, movimento da câmara — tudo está certo.

Hitchcock é capaz de fazer, tècnicamente, maravilhas: lembram-se, apenas para exemplificar, da clássica cena do beijo do filme «A Mulher Que Viveu Duas Vezes?» Mas um bom técnico não é forçosamente um bom cineasta, como um filme tècnicamente perfeito não é forçosamente um bom filme. E' necessário mais, para que um bom realizador técnico seja, cinematogràficamente, um bom realizador — e parece-me que esse mais falta a Hitchcock.

A obra de Hitchcock é já bastante vasta. E, a meu ver, bastante oca. E' uma obra falha de valor humano, uma obra em que o realizador nada diz ao espectador, nada debate, nada documenta. E' uma garrafa magnífica, belamente trabalhada, mas cheia de um vinho de má qualidade. E a maior parte dos espectadores perde-se e entusiasma-se de tal modo na contemplação da garrafa, que nem nota que o vinho é mau. Hitchcock nada diz ao espectador, não comenta, não faz um Cinema sincero, nem tal é a sua finalidade: Hitchcock pretende apenas pregar alguns sustos e contar algumas piadas. Os seus filmes (sempre excepção feita ao «Terceiro Tiro») nada de novo trazem ao espectador, a não ser o acréscimo de algumas palpitações cardíacas. Mais do que um realizador falhado, Hitchcock é um realizador perdido — um realizador que, na posse de uma magnífica técnica, não a empregou no sentido de fazer bom Cinema, mas apenas no sentido de fazer o espectador dar uns pulos na cadeira. E isso é pouco. Cinematogràficamente falando, é mesmo nada.

Mas, mesmo dentro do seu género, Hitchcock parece-me em decadência. Se excluirmos o «Terceiro Tiro» (bom Cinema, excepção a toda a obra de Hitchcock, sátira maravilhosa aos filmes de «suspense» em geral e aos próprios de Hitchcock em particular) não me parece que os seus últimos filmes, especialmente os coloridos, tenham o nível dos seus mais antigos trabalhos, como «A Casa Encantada», «Confesso» e mesmo «Notorius» (não me recorda bem o título que este último filme teve em Português, o que espero me desculpem). «O Ladrão de Casaca» começou a marcar essa decadência. «O Homem Que Sabia Demais» acentua-a bem: não passa de um agregado de cenas desconexas, unidas por um fio tão frágil, que chega a affligir pela sua falta de lógica e de consistência. «A Mulher Que Viveu Duas Vezes» é filme um pouco melhor, mas ainda bastante mau. E o último, «Intriga Internacional», é alarmante. A perseguição de avião, a caricata cena dos monumentos, a catastrófica cena dos tiros de pólvora seca — tudo deixa uma desoladora sensação de coisa gasta. Hitch aproxima-se do fim. Talvez seja sintomática a cena do seu último filme, em que ele, como de costume, surge, e, desta vez, perdendo um autocarro. Parece-me que, do mesmo modo, Hitchcock perdeu a sua oportunidade de ser um bom realizador cinematográfico. E não me parece que torne a passar outro autocarro...

Cadernos de Viagem

POR PEREIRA DA SILVA

Camarada:

III

Se todos comungássemos nas dúvidas de cada um e partilhássemos as alegrias que egoìstamente guardamos, atraiçoando o pouco de bom que a Vida nos dá, talvez não sentíssemos tão de perto o abismo e não fôssemos vítimas da descrença num equilíbrio que todos ambicionamos.

São para ti, sonhador de todos os momentos e insatisfeito de todos os teus trabalhos, estas linhas de consolação — já que, e como disse, no Mundo egoísta em que passamos o nosso tempo, a existência de sofrimento alheio igual ao nosso console as nossas próprias dores. E escrevo-te porque tu és a cópia espiritual do meu espírito, porque lutas com as mesmas indecisões e angústias que me fazem duvidar nos cruzamentos da estrada que tenho seguido.

Ora, para falarmos francamente, é possível que eu, como tu, como todos os grandes artistas — salvo seja! — tivesse sonhado ser artista, só pelo prazer de o ser — sem pensar que uma inclinação natural e poderosa me levava a sonhar dessa maneira. Encetei — como tu, como eles — as primeiras experiências; adveio a seguir uma necessidade insuspeitada de escrever, fosse o que fosse; um desejo leviano de comunhão e colóquio, e depois... eis-me no depois! Um depois que é temperado com uma fé abrasadora mas periclitante (chego a pensar que esse calor é de febre!); com uma indiferença por vezes angustiosa; com a mistura de alegria e desapontamento que por vezes nos assalta julgando estar esgotada a nossa veia artística; com os desesperos provenientes da nossa reconhecida — e auto-reconhecida — incapacidade de transmitir problemos, ideias e sonhos construídos em plena beleza no subconsciente, e gravados com tintas descoloridas no papel tentador mas traiçoeiro e mesquinho.

Camarada:

— Qual o caminho a seguir? Devemos continuar na confiança que chegámos a ter na nossa predestinação artística ou desistimos, fazendo incidir a torrente das nossas ilusões para a frieza duma secretaria qualquer?

E' verdade que o momento, o nosso momento, o momento da nossa idade é uma interrogação em tudo: Vida, Amor, Morte, Destino. Mas são aqueles — eu, nós — que, tendo a desdita ou a sorte de se julgarem predestinados em certo sector artístico, possuidores duma sensibilidade mais lúcida e ambiciosa, sofrem com os seus e alheios problemas duma maneira poucas vezes adivinhada.

E' por isso, camarada, que me repetes, que repetes toda uma juventude diferente; é por isso que venho dar-te também conta das minhas dúvidas. Venho para te fazer as mesmas perguntas que tu desejarias formular. Venho, para te afirmar que, em meu entender, o Trabalho, o Ideal e a compreensão conduzir-nos-ão a um fim verdadeiro — activo ou passivo. O destino somos nós que o fazemos. E há que fazê-lo de modo a que nunca advenha qualquer arrependimento.

Camarada:

— Que caminho devemos seguir?

Sigamos, mas firmemente

ANSEIO

Fogos de lava incandescente
Da vida a escoar-se do meu peito,
Regressem ao meu corpo, novamente.
Deixem-me prosseguir e ser perfeito.

JAIME BORGES

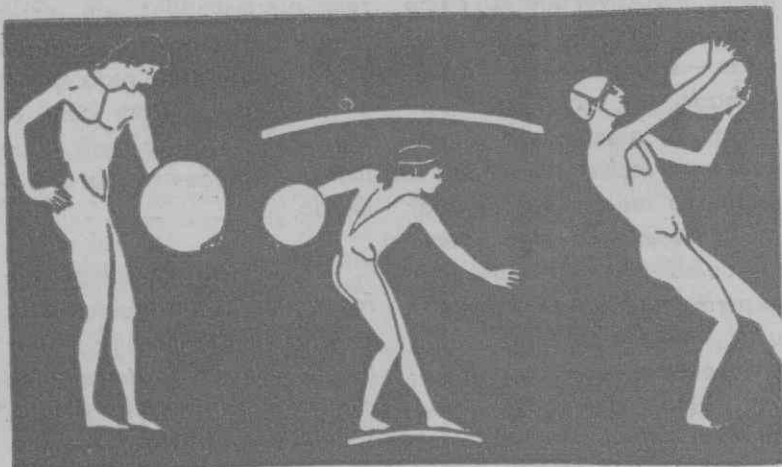
ROMA 1960

*N*A *Roma Eterna — a Roma dos Imperadores e dos Papas, a Roma do Direito e da Arte, a Roma sede de uma Civilização multimilenária que ilumina o Mundo —, na Grande Roma, dizíamos, começaram anteontem os Jogos da XVII Olimpíada Moderna. As salutares competições, a que acorreram escolhidos desportistas de todos os quadrantes do globo, encerram-se oficialmente em 11 de Setembro próximo.*

Os Jogos Olímpicos, todos o sabem, são, incontroversamente, as manifestações desportivas de maior prestígio e repercussão em todo o Mundo. Dadas as características que informam o olimpismo, *comparecer nos Jogos é, só por si, uma glória, uma vitória de alto preço, pois o importante nos Jogos Olímpicos não é ganhar, mas tomar parte; como, na vida, o essencial não é conquistar, mas lutar lealmente!*

Um grupo de esperançosos jovens de Portugal — a que diversas circunstâncias fazem faltar uns outros promissores desportistas nacionais, entre eles se contando o valoroso campeão luso-brasileiro de skiff *Amadeu Martins Pereira, do Galitos — representa o nosso País nas célebres provas, que este ano congregam em Roma as bandeiras de numerosas nações dos cinco continentes. A sua presença é já uma vitória, na medida em que ela é o reconhecimento do mérito dos desportistas seleccionados.*

Neste preciso momento, pareceu-nos de interesse recordar nestas colunas — no intuito de contribuirmos para um melhor esclarecimento do alto significado dos Jogos Olímpicos —, e embora num resumido esboço, a história destas velhíssimas competições mundiais, que sempre se renovam e, muito justificadamente, concitam o interesse do Mundo todo.

E' o que, sem mais delongas, passaremos a fazer, tornando nossos diversos apontamentos de quanto, sobre os Jogos Olímpicos, se escreveu na «Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira».

Lançamento do Disco — *belo pormenor de um desenho de um vaso grego do séc. V a. C.*

FORAM modernamente renovadas, com objectivos puramente desportivos internacionais, e por iniciativa do Barão Pierre de Coubertin, as manifestações desportivas periódicas, ligadas a cerimónias de carácter religioso, que se celebravam na Grécia Antiga e se conhecem por Jogos Olímpicos.

A origem das festas, que se celebram em Olímpia, na Élida, no Peleponeso, é muito remota. A lenda atribui a criação dos Jogos à comemoração da luta travada naquele local entre Zeus (Júpiter) e Kronos (Saturno), ou ao propósito, por parte de Heraclés (Hércules), de homenagear a memória de Pélops, cujo túmulo se encontrava no recinto sagrado onde foi construído o estádio. Os Jogos, no seu início, foram, pròvàvelmente, celebrações funerárias, cujo objectivo seria prestar homenagem aos manes dos guerreiros e heróis, aos quais se associava a intenção de agradar aos deuses, protectores dos vivos e dos mortos.

Fora de hipóteses mitológicas, está averiguado que os Jogos de Olímpia devem o seu principal impulso orientador à influência hegemónica do povo espartano, em fins do séc. VIII a. C., e a primeira Olimpíada tem início no ano 776 a. C.. As grandes competições de carácter desportivo tinham, porém, seguramente mais fundas raízes na vida helénica, pois o imortal Homero, que vivera um século antes da instituição dos Jogos Olímpicos, espalha pelas suas obras numerosas e frequentes descrições que testemunham, da sua parte, profundo conhecimento do assunto.

Os primeiros Jogos duravam um só dia e comportavam no seu programa desportivo apenas a corrida de velocidade, na distância do comprimento do estádio, ou seja, aproximadamente 192 metros. Com o desenvolvimento do seu prestígio, outras competições foram acrescentadas e, no período áureo, a partir do séc. VI a. C., os concursos passaram a ser em número de treze, divididos por cinco jornadas, enquadradas por dois dias reservados a cerimónias e sacrifícios aos deuses.

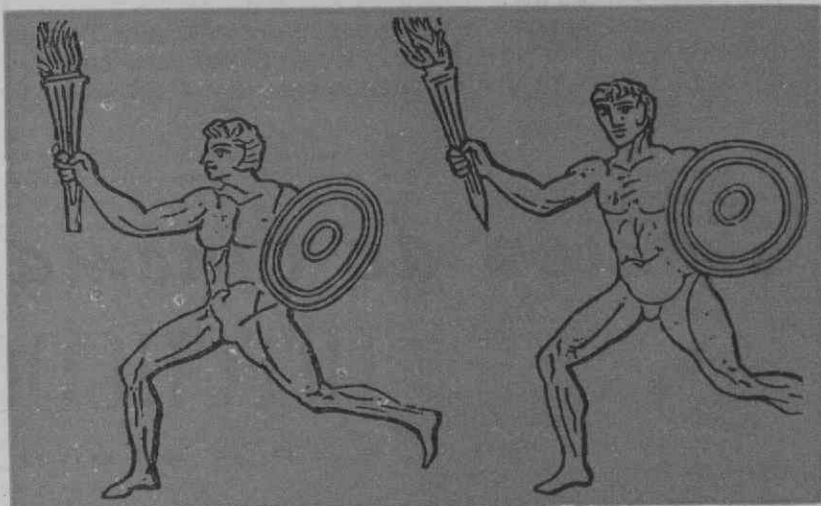
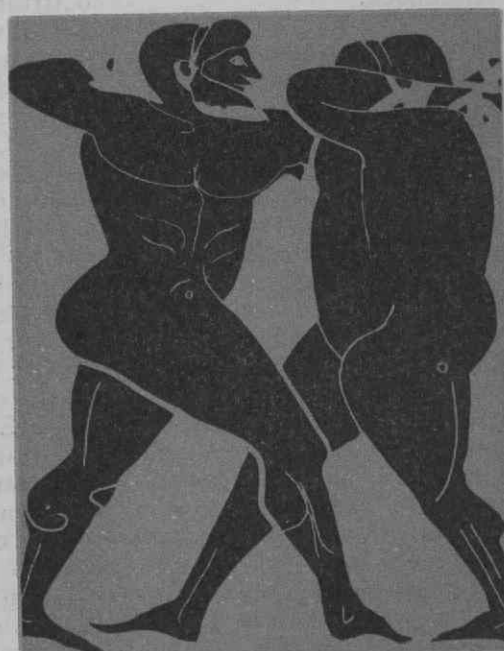
Segundo o eminente helenista Carl Robert, o programa completo era o seguinte: *Dia inaugural* — Reunião dos atletas, sacrifícios aos deuses, juramento dos concorrentes e juízes, concurso de trombeteiros e arautos, cujos vencedores entravam em funções durante os Jogos. *1.º dia de Jogos* — Corridas pedestres (de um estádio, duplo estádio ou «diáulio» e de fundo ou «dólica», que podia abranger até vinte e quatro percursos do estádio). *2.º dia de Jogos* — Pentatlo (salto, corrida, disco, dardo e luta); o vencedor devia ganhar três dos cinco primeiro prémios, entre eles o da luta. A' noite, eram coroados os vencedores das duas jornadas. *3.º dia de Jogos* — Luta, pugilato e pancrácio. *4.º dia de Jogos* — Lutas e pugilato para juniores e corrida em armas. *5.º dia de Jogos* — Corridas de quadrigas, carros de dois cavalos e corridas de cavalos montados. *Dia de encerramento* — Coroamento dos restantes vencedores e cerimónias religiosas; grande banquete a todos os vencedores e elementos oficiais. Os vencedores eram coroados com ramos de oliveira e recebiam uma folha de palma. No entanto, as recompensas concedidas, depois, aos campeões olímpicos pelas cidades que representavam traduziam-se em maneira material muito mais apreciável, ficando, na generalidade, isentos do pagamento de impostos e recebendo gratificações e pensões vitalícias.

Todos os povos da Grécia tinham estabelecido, de comum acordo, e desde a primeira Olimpíada, um período de tréguas para todos os conflitos em curso, durante a celebração dos Jogos. O estádio de Olímpia, cujas ruínas se conservaram até o nosso tempo e foi reconstruído para cenário dos primeiros Jogos Modernos, tinha a forma de uma ferradura, com 210 metros de comprimento por 30 de largo; ao lado do estádio ficava o hipódromo, e, a seguir, o magestoso templo de Zeus, recheado de obras de Arte e ele mesmo uma maravilha de arquitectura e esplendor.

A organização dos Jogos reunia em Olímpia uma multidão de forasteiros. Note-se, porém, que, das mulheres, só as solteiras podiam entrar no estádio. Os concorrentes às diversas provas eram, primitivamente, recrutados entre os elementos das melhores classes sociais, porque só esses podiam arcar com as despesas e responsabilidades da sua longa preparação; citam-se, no entanto, alguns casos excepcionais, em que os habitantes das cidades ou a sua municipalidade subsidiavam indivíduos menos abastados, mas de extraordinários recursos atléticos.

A influência moral da reunião periódica dos Jogos sobre o povo grego foi considerável e isso justifica o seu êxito durante doze séculos, comportando 293 Olimpíadas!

A partir do séc. V a. C., a qualidade social dos praticantes foi baixando, por influência de circunstâncias de ambiente; e o tempo foi deformando os primitivos propósitos ideológicos, até uma absoluta transformação. Os romanos, depois de haverem conquistado a Grécia, em 146 a. C., deram, de início, o seu apoio aos Jogos, determinando que fossem também abertos aos indivíduos de origem não helénica, e um dos imperadores, Tibério, ganhou mesmo um prémio numa corrida de carros. Foram curtos estes períodos de novo refulgimento, e o Cristianismo do Império Bizantino deu aos Jogos Olímpicos o golpe de morte: em 393, Teodósio proibiu a sua realização. Mas deve dizer-se que já a esse tempo os Jogos haviam perdido todo o significado moral e eram presa de profissionais e de combinações de toda a espécie, desde que desaparecera o primitivo ideal religioso.

No dia 25 de Novembro de 1892, no festival comemorativo do quinto aniversário da União das Sociedades Francesas de Desportos Atléticos, o Barão Pierre de Coubertin, falando num dos anfiteatros da Sorbonne, terminou a sua oração proclamando a necessidade de restabelecer, com amplitude mundial, os Jogos Olímpicos. A idéia foi bem aceite, mas incompreendida. Dois anos mais tarde, reuniu-se em Paris um congresso internacional com o objectivo de estudar o problema do amadorismo desportivo, e o Barão de Coubertin aproveitou a ocasião para reactivar o interesse pela sua iniciativa. E conseguiu que na sessão de encerramento, em 23 de Junho de 1894, fosse votado, por unanimidade dos delegados das quinze nações presentes, o restabelecimento dos Jogos Olímpicos, com a clássica periodicidade de quatro anos.

Foi atribuída à Grécia a organização dos primeiros Jogos, fixando-se, desde logo, que eles seriam circulantes, isto é, que se realizariam de cada vez em seu país. O plano estabelecido foi rigorosamente cumprido. E, em 5 de Abril de 1896, no estádio de Olímpia, restaurado expressamente, o Rei Jorge, da Grécia, declarou abertos os Jogos da I Olimpíada Moderna.

Concorreram representantes de treze nações, de três continentes, que competiram nas seguintes modalidades: atletismo, ginástica, luta, tiro, vela, remo, ciclismo, equitação, esgrima, natação e ténis.

Pierre de Coubertin faleceu em 1937 e o seu coração, encerrado numa urna, foi, a seu pedido, depositado nas ruínas sagradas de Olímpia, em monumento especialmente erigido. A divisa olímpica, escolhida pelo seu fundador é CITIUS, ALTIUS, FORTIUS; e a bandeira olímpica, branca, com cinco anéis entrelaçados — azul, amarelo, negro, verde e vermelho — reune as cores das bandeiras de todos os países existentes.

O juramento pronunciado no dia da abertura dos Jogos Olímpicos, por um atleta do país organizador em nome de todos os concorrentes, é também de autoria de Pierre de Coubertin e do teor seguinte: **Nós juramos que nos apresentamos nos Jogos Olímpicos como competidores leais, respeitadores dos regulamentos que os regem e desejosos de neles participar com espírito cavalheiresco para honra dos nossos países e glória do Desporto.**

A seguir à I Olimpíada Moderna, em 1896, na Grécia, os Jogos Olímpicos realizaram-se, sucessivamente, em: Paris, em 1900; S. Luís, em 1904; Londres, em 1908; Estocolmo, em 1912; não se efectuou, por motivo da Grande Guerra, a VI Olimpíada; Antuérpia, em 1920; Paris, em 1924; Amesterdão, em 1928; Los Angeles, em 1932; Berlim, em 1936; nova interrupção, por motivo da II Grande Guerra, nas XII e XIII Olimpíadas; Londres, em 1948; Helsínquia, em 1952; Melburne, em 1956; e, agora, Roma, em 1960.

A partir de 1924 começaram a disputar-se os Jogos Olímpicos de Inverno, reservados aos desportos da neve e do gelo. Os primeiros Jogos efectuaram-se em Chamonix.

PORTUGAL em ROMA

Para a capital italiana, a fim de representarem o nosso País nos Jogos Olímpicos, seguiram, oportunamente, atletas das seguintes modalidades desportivas:

ATLETISMO ★ CICLISMO ★ ESGRIMA ★ GINÁSTICA ★ HIPISMO ★ LUTA, PESOS E HALTERES ★ NATAÇÃO ★ REMO TIRO ★ VELA

Atletas empunhando os fachos olímpicos — *reprodução de um mosaico do séc. I a. C.*

Lutadores — *cópia de um desenho de um vaso etrusco*

JOGOS OLÍMPICOS